ANNO 1.º QUARTA-FEIRA, 12 DE AGOSTO DE 1896 NUMERO 45

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
TRAVESSA DO PASSEIO
AVEIRO

As assignaturas são pagas adiantadamente

Toda a correspondencia deverá ser enviada ao secretario da Redacção

ACCACIO ROZA

VITALIDADE

QUINTO NUMERO ESPECIAL

Director d'este numero — ACCACIO ROZA

Tolerancia, lembrei-a, não a peço exigil-a-hia, se de nós fosse preciso exigir alguma virtude de homens publicos:—prendem-nos deveres de mutua complacencia; é preciso que cada um de nós respeite as opiniões dos outros, para que as suas sejam respeitadas; eu respeital-as-hei todas combatendo aquellas com que não combinar, e espero que as minhas serão respeitadas, sem deixarem de ser combatidas.

José Estevão.

JOSÈ ESTEVÃO

No espirito dos grandes oradores deve passar-se alguma cousa similhante ao que se passa no seio dos grandes volcões. Despertam, com impetos irresistiveis, nas agitações sociaes, como os vulcões rebentam nos estremecimentos geologicos. Tem dentro de si o fogo das paixões, que transforma a natureza e desbrava as mais brancas penedias da humanidade, como a lava irrompe atravez do granito e queima e transforma os rochedos. A indignação fervente pelos grandes cataclismos da sociedade irrompe-lhes do peito, no echo magestoso dos sentimentos, como o rugir da cratera sae do centro da terra, entre a anarchia do solo. E por sobre a fronte, o ceo azul, ideal e phantastico, o espelho do bem, do bello e do justo, a phototypia do amor, o retabulo de Deus, brilha, como em cima da coroa dos vulcões, a cupula do firmamento.

A materia prima da eloquencia é o ferro da justiça e o oleo sancto da liberdade. Chora a desventura, porque a injustiça passa zombando por cima dos opprimidos? E' a suggestão do orador. Pega d'essas lagrimas, espiritualisa-as no cadinho da palavra, converte-as no incenso do lausperenne da misericordia, retinge-as no fogo da indignação, e a sociedade escreve em letras vermelhas na alma dos desgraçados o estigma dos corruptos.

Surge no horisonte, como a tromba negra das tormentas, o espectro do despotismo? Rebrama o clarim do combate, desfaça-se a nuvem a tiros de canhão, e a carga maxima da electricidade concentre, ao menos, dentro das consciencias, como o clarão das ruinas, a luz que incendeie o tumulo dos escravos! Isto é: venha a eloquencia suprema, e queime em borbotões de vitriolo e pulverise em estrellas d'ouro o jugo dos vencidos!

Por isso os grandes oradores surgiram sempre, nas epocas mais terriveis ou mais desgraçadas d'uma nação.

Demosthenes allumiou com a sua eloquencia o tumulo da independencia hellenica, e queimou com a indignação do seu verbo os louros da Macedonia. O maior prestigio de Cicero coincidiu com os arrancos de uma grande conspiração. Mirabeau, o prodigo, o devasso, o gangrenado de corpo e cansado da alma, transformou-se ao contacto d'uma revolução; e, encarnando de rubro, ao fulgor do seu espirito, os sagrados direitos do homem, foi mais do que um prodigio: foi o hypnotismo oratorio de França, o mais poderoso resfolgadouro da emancipação da plebe.

Finalmente, para não citar mais nomes, a eloquencia de José Estevão recozeu nas brazas sangrentas das nossas pugnas liberaes.

Mesmo os que o não viram, teem na phantasia a sua fronte incendida nos raios da inspiração, rugindo a favor da patria e da humanidade, e pregando, em notas de maravilhosa fascinação, pela justiça e pela liberdade.

Como o padre Antonio Vieira, n'uma tribuna differente, José Estevão deixou para sempre rutilante a senda da sua memoria. E, como acontece com as verdadeiras glorias, ás quaes se abraça a prosperidade ou a decadencia d'um povo, e que são as boias luminosas da historia da humanidade, esse symbolo magestoso da nossa eloquencia nacional, essa tradição inolvidavel da nossa epopeia tribunicia, ficará luzindo sempre no ceo da nossa patria, como a radiação d'um genio, fundido n'uma grande e viva constellação.

Adriano Anthero.

UM CULTO DEVIDO

A estatua de José Estevão Aveiro tirou uma instituição; a festa de 12 de agosto, anniversario da inauguração da estatua. O exemplo é unico e o pensamento apparentemente abstruso; a estatua parece representar o orago da cidade, annualmente festejado depois da sua canonisação civil. Nunca se fez similhante cousa; uma estatua inaugura-se por uma só vez, não se celebra todos os annos; e os criticos de profissão, não podendo penetrar a significação d'este facto anormal, riem-se com um riso que é parente do escarneo.

Não os condemnemos por isso e não respondamos á estreiteza de espirito com o azedume da intolerancia. Reconheçamos antes que o facto se affasta, na verdade, do uso e costume, e procuremos a sua justificação singelamente, desprendidos de qualquer especie de preconceito.

Esta insistencia na celebração d'um nome, esta carinhosa romaria em volta d'uma tenacissima lembrança, são, evidentemente, no mais grosseiro exame, a prova provada de que Aveiro tem pela memoria de José Estevão uma veneração que excede tudo o que estamos habituados a vêr n'esta ordem de sentimentos. Temos deante de nós um caso de perfeita adoração que nem o tempo nem as vicissitudes sociaes e politicas tem podido amortecer; hoje como hontem essa adoração subsiste arraigada dentro do nosso peito, sempre com a mesma vida, sempre com igual pujança. Por este lado a discussão é ociosa, os factos são evidentes; e só fica a saber se essa adoração é um exaggero ridiculo de gente simples, uma extrema vaidade que, por ser collectiva, não deixa de incorrer no erro inherente a tal sentimento, ou, antes, se é a expressão d'uma alta comprehensão, posto que instinctiva, do valor social d'aquelle que veneramos e dos deveres d'aquelles a quem incumbe honrar a sua memoria e guardar a tradição das suas virtudes. Ora ao meu espirito afigura-se que esta religião, pois assim podemos chamar-lhe é inspirada no mais salutar espirito.

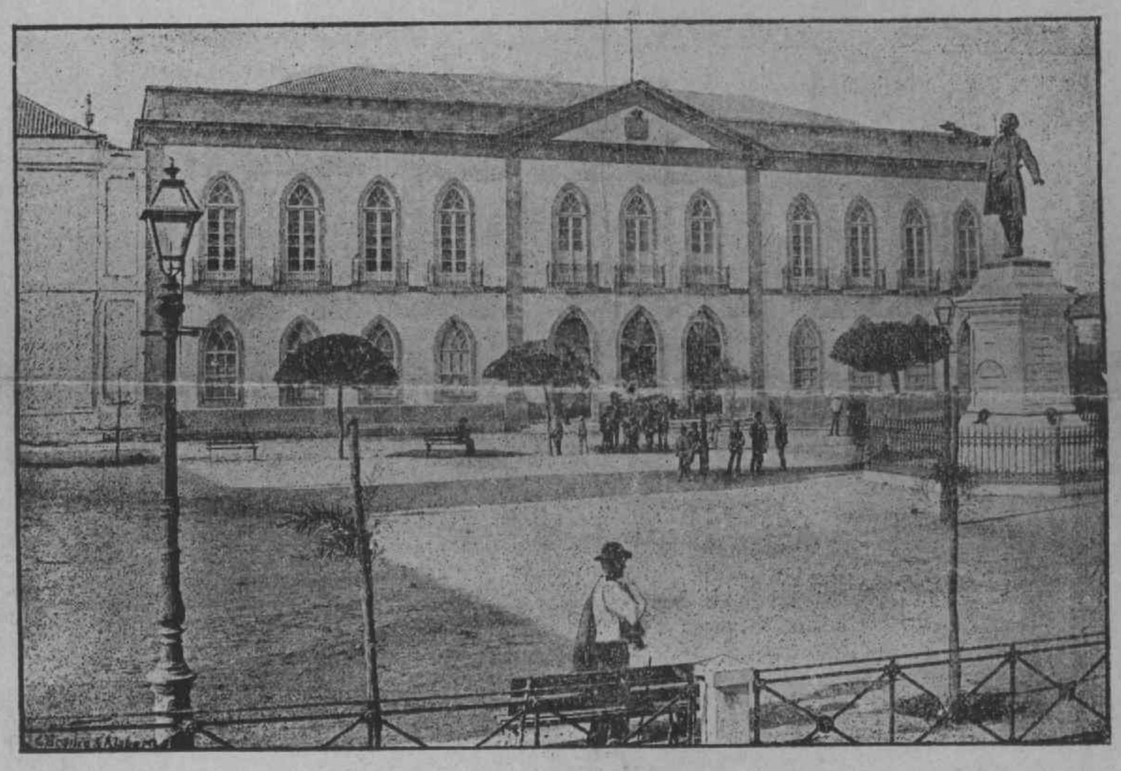
Não direi já que me merece a mais funda sympathia tudo quanto na sociedade e na familia liga o passado e o presente, tudo o que tende a estabelecer uma continuidade de vida social que é a melhor, a unica, garantia de progresso e ordem. São considerações geraes, d'uma applicação que eu quizera vêr constante. Quero só referir-me muito estreitamente ao caso presente e affirmarei sem a minima hesitação não só que Aveiro deve manter com o mais ardente zelo o culto do nome de José Estevão mas tambem que poucas terras tem tido a fortuna de encontrar no seu passado imagem mais bella e guia mais segura de nobreza social.

Repousam quasi todos junto dos mesmos ciprestes os amigos de José Estevão, aquelles a quem elle serviu com a sua dedicação e encantou com os fulgores do seu talento. Toda a veneração derivada de gratidão pessoal vae a desapparecer, porque desappareceram os que a deviam. Dos serviços de ordem material que José Estevão prestou a Aveiro vae a attenuar-se a lembrança porque o desenvolvimento que depois d'isso a cidade tem tido, obscurece em parte esse impulso dado n'um estado relativamente primitivo. Tudo o que revelava José Estevão e era, por assim dizer, de natureza mortal, tudo o tempo tem levado e dissolvido; e aproxima-se a hora de o julgar n'um tribunal mais alto, de julgar da sua real grandeza quando desprendida do brilho ephemero que a cercou. E ahi, n'esse juizo ultimo, José Estevão vae apparecer-nos estou bem certo, como um raro conjuncto de superioridades; superioridade intellectual, superioridade esthetica, coroadas ambas por uma prodigiosa superioridade moral. Se algum dia mão carinhosa se quizer dar ao trabalho de analysar essa extraordinaria organisação, espero que n'um estudo profundo o meu juizo será inteiramente confirmado.

Da sua intelligencia dizem as suas apreciações politicas em que a arte de governar e administrar a fortuna das nações encontrou o mais avisado interprete. Do seu valor d'artista dizem os seus discursos e todos os seus escriptos, modelo de pujança de imaginação associada a uma sobriedade e propriedade de linguagem do mais puro atticismo; e dizem ainda,—facto menos sabido,—a prompta intuição que lhe mostrou na vida popular bellezas sem numero que hoje são universalmente reconhecidas e que então, em tempos de radicalismo revolucionario eram, tambem universalmente, ignoradas. E finalmente pela sua superioridade moral respondem as suas convicções e sentimentos democraticos; não de democracia doutrinaria, o mais das vezes acompanhada de completa inanidade de coração e frequentemente simples degrão de ambição politica e sede de mandar, mas de democracia verdadeira, d'esta que nos vem do peito e d'este facto tão singelo como fecundo em consequencias praticas:—que todo o homem vale um outro homem, que o valor social do fidalgo e do plebeu, do rico e do pobre, do escravo e do senhor é um só, á parte a desigualdade que provém do modo por que cada um cumpre o seu dever n'este mundo.

Se ha pois, a meu ver, culto humano admissivel é o dos homens como José Estevão. Felizes d'aquelles que viram a luz na terra em que germinou tão boa semente e que nas luctas da vida podem acolher-se a tão boa sombra!

Jayme de Magalhães Lima.



ESTATUA DE JOSÉ ESTEVÃO E LYCEU NACIONAL

A GUILHOTINA E A ESPADA

Eu tenho asco á guilhotina e não tenho consideração pela espada, quando ella serve a violentar os povos, porque a guilhotina é sempre a ignominia das revoluções, e a espada muitas vezes o opprobio dos governos.

José Estevão.

(Discurso sobre a *Charles et Georges* em 1858).

A NOSSA VAIDADE

Relembrar este dia é pôr em foco uma das paginas mais formosas da cidade d'Aveiro, é conservar no nosso espirito a luz benefica das alvoradas que enaltecem o nosso caracter, é amar um passado mais feliz em que a voz de um tribuno faiscava luz atravez da sua alma nobillissima e pura de cidadão e de portuguez.

José Estevão votou todo o seu amor á terra que lhe foi berço, deixou-se embalar aos beijos das espumas do mar que foi seu irmão na humildade da força e na impetuosidade da lucta. Nasceu aqui e foi nosso.

Deixem-nos ter esta vaidade no momento triste da nossa decadencia, no momento em que Falstaff apparenta o amor de Ophelia, em que a mentira e a hypocrisia tomam o logar da consciencia expulsa, em que parecemos ouvir a voz de um novo Eneas quando narrava a Didon a ultima noite de Troia, dizendo:—*Proximus ardet Ucalegon.*

José Estevão não foi só um soldado no campo da batalha—não parou ahi a sua espada—; não foi só um orador nas campanhas da tribuna—a sua palavra foi mais longe—; não foi só o amigo apaixonado da terra que lhe foi berço—a sua actividade era mais larga—; não foi só um patriota nas luctas da liberdade—a sua paixão era mais complexa.

José Estevão era uma organisação d'honra que sabia dar ás multiplas manifestações do seu espirito toda a alma do seu nobilissimo caracter.

Todos nós temos um culto religioso e civico. José Estevão é o nosso santo civil e este dia e o da sua glorificação no culto do nosso amor.

Tenhamos esta vaidade na epoca triste em que tudo se aniquilla, em que a crença é uma mentira e a fé uma ambição, em que todos aproveitam a força para subir o Capitolio e em que todos vão cegos para se despenharem pela rocha Tarpeia.

Accacio Roza.

ANTHERO DE QUENTAL (1)

Era um do mais celebres litteratos do visinho reino.

Calcados os seus livros na moral mais severa, acariciando o pensamento de ver realisada a união iberica e obdecendo sempre escropulosamente á voz da sua consciencia, o filho das ilhas dos Açores chegou a adquirir na republica das letras uma celebridade merecidissima, embora a rude franqueza das suas opiniões favoraveis á anexação de Portugal á Hespanha lhe proporcionasse muitos inimigos.

Ha já trez mil annos que os philosophos não cessam de submetter ao exame da intelligencia as grandes questões da existencia de Deus e de immortalidade da alma, e só conseguem augmentar suas duvidas. Seriam essas as que determinaram a morte de Quental?

Não sei; mas atrevo-me a assegurar que nem as faculdades de que dispõe a materia nem as que correspondem ao tempo poderão influir na mais pequena cousa para descubrir o infinito.

As maravilhas d'este mundo serão sempre desconhecidas emquanto a alma não vista a sua carnal investidura.

Poderemos vislumbrar alguma coisa nos monologos que o espirito sustenta consigo mesmo, mas nunca chegaremos a possuir o conhecimento exacto d'essa verdade que nos revela Deus com todos os seus attributos.

Nos ultimos annos da sua vida, Quental retirou-se ao isolamento, o qual acabou por tornal-o hypocondriaco até ao ponto de levantar-se a cobertura dos seres.

E' uma lei fatal a harmonia do genio e o infortunio. Não é singular que seres privelegiados, capazes de conceber, em toda a sua magnitude a existencia de *alem-tumulo*, concepção que deve affirmar no animo a idéa da eternidade, idéa que dá solidez ao sentimento da nossa immortalidade, encontrem tão triste a vida que despresam na occasião do arrebatamento?

Que successos fazem completamente inuteis os esforços da razão, acabando por affastal-a do pensamento do infinito?

Que cataclismo se effectua no espirito para que se apague esse astro mysterioso que nos mostra as fronteiras do outro mundo?

Ignoro; a catastrophe occorre, surprehende-nos e abysma-nos em uma immobilidade profunda como no caso presente. O illustre litterato portuguez era amantissimo da patria do Cid, e este amor que jámais procurou ocultar acarretou-lhe muitos desgostos.

Uma contrariedade seguida de outras muitas pode produzir no fundo do coração o germen do aborrecimento, obrigando o que soffre a fazer como amigo da revelação do sentimento moral, que no interior de todo o mortal existe, e então o influxo da familia fica annulado e o desespero mostra a silueta sombria dictando terriveis leis de obdiencia que acabam por ser obdecidas.

Quental, com Theophilo Braga e João de Deus, formam aquella celebre trindade cujas idéas eram a encarnação da escola de Coimbra que começou por ser litteraria e acabou por converter-se em philosophica, social e revolucionaria.

Logogripho indecifravel! O genio que devia romper as malhas tecidas pelos nossos sentidos sobrepondo-se aos decretos da materia para elevar-se ao ceu, soffre com frequencia os affectos de uma aberração inexplicavel, e depois de dirigir um olhar de profundo desdem ao passado, renuncia com espantosa espontaneidade ao futuro. E então, todo um mundo de recordações e esperanças em que se agitam em confuso turbillião os phantasmas do prazer e da dôr subjugados pelo da indifferença, se obscurece em um instante no cerebro que os obrigava, e um sepulchro abre a sua negra bocca e os viventes assistem á desapparição de um collosso da intelligencia que depois de haver atrofiado a sua memoria, vendo como os obstaculos se atravessavam sem cessar no seu caminho, pensou na morte como um recurso supremo.

Consagremos uma piedosa recordação ao auctor das *Primaveras romanticas!* Que Deus tenha piedade da sua alma!

José del Solar.

(1) Por obsequio do nosso presado amigo e distincto escriptor hespanhol, D. Jose del Solar, traduzimos hoje um precioso inedito que diz respeito a uma das mais distinctas individualidades litterarias e scientificas do nosso paiz. Este artigo tem para nós, e para todos, um duplo valor.

Indignação patriotica

A aguia imperial enfadada de sua forçada macção, saudosa de aventuras, ávida de gloria, voou do seu ninho de pedra, d'esses penhascos artificiaes de Cherburgo até ás margens do Tejo, só guarnecidas da sua natural belleza e de venerandas recordações; e veiu aqui (grande e nobre façanha!) repôr a bandeira franceza em um navio d'onde nós a haviamos arrancado para que não continuasse a manchar-se, cobrindo o traço da escravatura.

Esta visita á nossa terra foi mais feliz do que outras, porque já vimos essa mesma aguia levantar-se das eminencias que bordam este mesmo Tejo, e arrastar-se em vôos atordoados e incertos de serro em serro atravez das Hespanhas, até se recolher na guarida d'onde sahira, levando apenas nas garras já mal seguras o desengano de imaginados dominios e poderios.

José Estevão.

(Discurso sobre a *Charles et Georges* em 1858).

JOSÉ ESTEVÃO E ILHAVO

O eminente tribuno José Estevão, esse grande e luminoso espirito a quem hoje a *Vitalidade* nobre e gentilmente consagra o seu numero litterario, teve sempre em vida particular sympathia pela população ilhavense.

D'este bom povo escreveu elle um dia: *A povoação d'Ilhavo é intelligente, livre e apaixonada.*

Sobre tudo o povo que ramoreja a vida nas luctas constantes do ardiu e penoso trabalho, e especialmente os pescadores e homens do mar, eram por José Estevão tratados com muita affabilidade e estima.

D'ahi o grande partido que aqui alcançou e que de muito lhe serviu em algumas luctas politicas.

Mas José Estevão foi nos tambem sempre grato, e jámais deixou de attender e auxiliar com o maior empenho qualquer pretenção d'esta terra. Pouvera a Deus que elle não tivesse morrido tão cedo que melhor hoje estariamos com a sua desvelada protecção!

Nas proximidades d'uma eleição em que elle se propunha a deputado, veio a Ilhavo, sendo recebido festivamente. O povo desejoso de lhe ouvir a sua palavra fluente e arrebatadora, pediu-lhe que fallasse. José Estevão accedeu ao pedido subindo immediatamente para cima d'uma rima de adôbos que na praça estavam para a construcção d'um predio, e do alto d'aquella original tribuna agradeceu ao povo a manifestação de que era alvo e advogou a sua candidatura n'um improviso sublime.

Apenas desceu, o nosso patricio doutor Paula, já fallecido, guardou o adôbe sobre o qual José Estevão fallára, e levou o para casa, onde durante toda a sua vida o guardou preciosamente em logar d'honra.

Diniz Gomes.

CARTAS A TINTA

Viagens no burro dos frades

IV

A apparição do Antoninho da Quinta interrompeu-me a viagem, ou antes fez-me sahir fóra do escholio, quero dizer do plano que tinha traçado.

Um meu antigo condiscipulo hoje abbade d'uma excellente freguezia com todos os confortos que um bom abbade costuma usufruir, dispensa, adega, roupa, cama e horta, assoalhava a sua alegria em dias de sueto com a seguinte quadra que cantava lestamente:

Viola, minha viola,
Bandurra, minha bandurra,
—Estás lembrada, ó mulher,
Da morte da nossa burra?

Não sei se hoje ainda usa da mesmas cantigas; mas, eu pergunto, tambem, ao *meu leitor* (creio eu que tenho um leitor assiduo, e não vão mais longe as minhas aspirações); pergunto eu, tambem, ao amigo se se lembra do ponto em que eu tinha ficado.—Salvo erro, foi alli pelas alturas de S Bernardo, estaleiro do Pelonio e seu retiro para seccos e molhados, ramo de louro á porta, etc.

O Antoninho surgiu, então, muito lesto da Patella, no seu rico phaeton envernisado. Ia ver a vinha de Nariz e convenceu-me a que o acompanhasse... Era uma honra, e subida, para mim. Não devia recusar; e não recusei a borla que se me deparava tão a proposito, nem o ensejo de ver longes terras, uma região vinicola afamada, etc.

—Perto de Nariz, disse comigo, fica a Palhaça. O antigo estafeta José Palavra, cujos traços physionomicos o digno e popular professor sr. Romão transladou para a tela, convidado um dia, por um typo de bom gosto, a ir levar uma carta a Berlim, por occasião da guerra franco-prussiana, apromptou-se logo para partir e para receber a esportula...

—Mas que caminho segue você?

—Vou d'aqui direito á Palhaça... respondeu o andarilho sem se desconcertar.

Ora eu tambem pensei com os meus botões:

—Vou de carro até Nariz; logo adeante é a Palhaça; da Palhaça a Berlim são dois passos...; aproveito a occasião para conhecer o imperador, e se o Reichstag estiver aberto vou desfructar aquella pandega.—Já me esquecia que o homem põe e Deus dispõe!

Em summa, partimos, o Antoninho, eu e o moço, por escala, o carro e a «fadista» que puchava a tudo. Para meu castigo devo dizer que, enlevado n'aquelle luxo de transporte que só duas ou trez por anno abicho e ostento, nos primeiros momentos, eu esqueci o plano e as emoções da «viagem no burro dos frades.»

A briosa «fadista» desapparecia na estrada como um foguete; ou antes, o que ia desapparecendo era o logarejo com os seus edificios soberbos, as suas hortas e quintaes, os panoramas esplendidos, a cathedral com sua torre de grave architectura... Eu creio que tudo alli era grande e distincto, os homens, as casas e as cousas, distincto e soberbo como soberbo eu ia, empertigado, na boleia, ao lado do Antoninho, que de quando em quando mettia a fadista em novos brios, passando-lhe, muito ao de leve, com toda a delicadeza e maestria, a poma do pingalim sobre a espadua esquerda... Ella, então, toda se enfeitava, sahia do trote compassado e firme, e rompia um galope allucinante que era neccessario moderar.

Que direi mais? O excellente animal, que é de sua natureza branco e asseiado, com uns leves tons escuros, e lembra um pouco o *Blanco y Negro*, excitado da carreira e do calor, e talvez do peso das nossas virtudes e das suas proprias, em pouco se achava alagado de suor, que produzia uma espuma branca, nevada, escorrendo sobre os quartos trazeiros e particularmente na linha de confluencia dos ditos. Eu sentia-me commovido; mas alem da minha satisfação e enlevo, acima da minha soberba, da minha vaidade pela figura que ia fazendo, fallavam os meus sentimentos... alteruistas, como se estivesse já filiado na sociedade protectora dos animaes.

Pedi, pois, com instancia, e levei o pedido e a instancia até á suplica, afim de que o animalsinho, sem perigo de esfriar, fosse, todavia, á vontade. Assim succedeu. Iamos pelas alturas da Gandara, sabem? alli, onde, ao ar livre, se fabrica em grande quantidade a telha, como se este genero de faianças não abundasse em cada um nós, e ás vezes de qualidade superior e superfina! Tambem alli perto, andavam muitos homens occupados a tender blocos de argamassa. Junto d'elles destacava-se um vulto esguio e alto, de estatura extravagante. Suppuz ser o S. Christovão, á paisana, depois da quaresma, em dia magro...

Não era o santo, mas o Bilro da Povoa, professor honorario de Modeiro. Achei-o acabadote. Tinha eu tirado o meu chapeu, pensando que era á imagem do Santo Grande, quando o conheci pela falla. Estava a justar uma empreitada de «adobos», o nome vulgar dos taes blocos de argamassa.

—Ora ainda bem, disse eu, quando reconheci o Bilro; parecia-me irreverencia encontrar por estes sitios um tal santo.

Em seguida entrámos n'um outro povo. E' a Costa de Vallade, logarsinho bem bonito e principesco. Faz-se alli um activo com-

mercio em queijos e cobertores de papa, vinho e azeite. Proximo fica a estação das Quintãs, porto secco das mercadorias. Tem capella, da invocação de S. Thomé, um santo popular, advogado dos males das pernas, das mãos, de garganta, das orelhas e até do focinho dos animaes, especialidade em bois, porcos e carneiros. Os voventes offerecem ao Santo de tudo isso, no dia da festa, em fins de dezembro, ou mesmo em pessoa, isto é de carne e osso, ou de cera, sómente, como symbolo da promessa e da remessa, o que rende para cima de quatorze moedas, em annos de colheita feliz...

Ha no logar edificios bonitos. Trez pude eu ver coroados de pára raios, o que n'uma aldeia, se não é milagre, d'outro santo ou do mesmo, é indicio de civilisação.

...Sem duvida, a terra é civilisada. — Rendido ás minhas supplicas e á propria evidencia, o Antoninho quiz dar uma ligeira fricção de vinagre sobre o espinhaço á «fadista». Refresca e compõe, é a opinião d'um veterinario celebre contor o meu obsequioso amigo e sob a sua auctoridade fallo. — Para isso, pois, suspendeu a marcha defronte d'uma porta coroada de murcho ramo de louro, e deu-se á tarefa. Entretanto eu relanceava os olhares em roda... Se os pára-raios me tinham surprehendido, devo dizer que fiquei verdadeiramente maravilhado defrontando com um bello palacete, grave e serio, apparencia de morgado antigo, com importantes retoques modernos. Um d'estes é, sem duvida, o portão de ferro forjado, de fino desenho, encimado, por este distico, em semi-circulo, «Villa Marianna», e dando para um pequeno recintho ajardinado, vedado por uma gradesita envolvida de plantas e trepadeiras, de bonito effeito pelas flôres e verduras.

Tive curiosidade. Aproveitei os segundos de que dispunha, e pude ver que do recinto ajardinado se seguia para uma bella escada de cantaria, de dois lanços, olhando ao sul, ao cimo da qual, sob uma marquize de alvenaria uma porta dava para uma varanda, dizendo sobre o jardim, onde uma bella palmeira ergue o seu busto, firme e sympathico.

Annexas ao edificio principal, ficam as suas dependencias, abegoarias, cocheira, pocilga, o pateo, o gallinheiro, etc. A quinta, sem ser grande, é todavia bem tratada, e tem um aspecto alegre com a sua rua central, bordada de amoreiras, o seu pomar antigo e um pomar novo, muito bem alinhado e promettedor. Uma viveença, um encanto... mas eis que o Antoninho me chama. A estrada é a descer. A «fadista» criou novos brios com o descanso e o refresco. Foi um instante emquanto nos poz em Nariz.

Mas ai! ai de mim! Nariz! Quem te viu e quem te vê! O phyloxera estragou as vinhas. A desolação toca-nos a alma. Os viticultores lamentam-se.

Um nosso conterraneo illustre, indo a Savilha, em viagem de recreio, mal chegou, expediu este telegramma: «Cheguei bem. Sevilha esplendido.»—Se eu quizesse imital-o, *licet res parvas componere*..., eu só podia mandar este despacho:

«Nariz devastado phyloxera. Desolação. Desisto ida Palhaça e Berlim.»

O meu obsequioso amigo tal viu Nariz que nem se pôde demorar. Ficou desanimadote, e eu tão succinto que nem sabia distrahil-o. Voltámos á pressa, em silencio, pelo mesmo caminho. Uma tristeza, uma monotonia. Acabrunhados, pendentes como lyrios, assim fizemos a viagem de retorno sem uma espansão, quasi sem uma palavra! Eu vinha contrafeito, e esta situação ameaçava crise quando, chegando á Gandara, de volta, tive um encontro. Meu irmão, a quem eu tardara, soubera do desvio, e veio esperar-me... Despedi-me do Antoninho e saltei para o burro dos frades.

CRAVO ROCHO.

OS HEROES

As ondas tocadas da tempestade batem furiosamente no penhasco que as assoberba. N'esta lide atropellam-se, amontoam-se; sobem umas sobre as outras, repetem assim os ataques, redobram os arremessos, até que galgam á altura onde a resistencia as levou, e de lá, fatigadas e desfeitas em espuma, cáem no mar de onde sairam, no mar de onde eram, no mar que lhes dera a força, no mar em que se tornam. Os heroes são estas cataratas passageiras, estes cachões espumosos. O mar é a humanidade; como ella largo, vasto, immenso, como ella querendo sempre saltar fóra das suas barreiras, fugir ás leis que o domesticam, e voltando sempre, apesar da sua inquietação, aos principios de harmonia natural a que perpetuamente está sujeito, e para conservar os quaes foi creado. E serenada a tempestade, que resta dos penhascos em que as ondas já não batem, que o mar apenas roça, que já não attrahem as nossas vistas pela lucta que sobre elles se travára? Pedras de irregular conformação, sem bellezas que satisfaçam a nossa curiosidade, nem excitem o nosso pasmo.

JOSÉ ESTEVÃO.

(Discurso sobre a *Charles et Georges* em 1858).

RECORDAÇÃO

Quando os meus quinze contei,
Um tio velhote que eu tinha
Que inda choro e chorarei,
Toda inteira a vida minha!
Disse-me um dia:
— «Olhe cá;
«Está quasi um homem já:
«Para que por tal o tomem,
«Quero fazer-lhe um presente,
«Com que um homem...
«Com que um homem se apresente».

Julguei, n'esta oração toda,
Que o tal *quasi* sobejava,
E sondei o beiço em roda
A vêr se o baço apontava.
Estranhára o tratamento!
E o programma, que um portento
No tom me estava a indicar,
Fez-me, logo á introducção,
Palpitar...
Palpitar o coração!

Fiquei-me desvanecido,
E, aprumando-me vaidoso,
Ouvi meio distrahido,
Entre ufano e curioso,
O longo fim do sermão.
O bom do meu tio então,
Acções juntando a promessas,
Deu-me, para meu thesouro,
Duas peças...
Duas peças novas de ouro.

Esquecendo a gravidade,
E o valor que este incidente
Outorgára á minha edade,
Dei dois pulos de contente.
As peças mirei de perto;
E não trocava de certo,
Desdenhando regias sinas,
O meu erario infantil
Pelas minas...
Pelas minas do Brazil!

A scismar no que faria
De tão grosso cabedal,
Passei o resto do dia,
E de noite dormi mal.
No meu somno, a cada instante,
Via um grupo fulgurante
De effigies taes, que não sei
Quem as tivera inventado;
E sonhei...
E sonhei que era morgado.

Apenas rompeu a aurora,
Posto a pé antes do sol,
Quiz tomar, por alli fóra,
Os meus desejos a rol.
Ai! que diversos e quantos!
Eram tantos, tantos, tantos,
Que lhes não achava o fim.
O mundo tinha um defeito
Para mim:
Para mim era inda estreito.

Meditava sériamente
Se faria acquisição
D'um relojo com corrente,
Ou d'um cavallo [illegible]
Como escolhesse o cavallo,
Entrei logo a ajaezál-o.
Mas... mas o relojo!... Aqui,
Pensando com mais estudo,
Resolvi...
Resolvi-me a comprar tudo!

Era no campo. Ao sol posto,
Já fresca, outoniça aragem
De um dia depois de Agosto
Ciciava entre a folhagem,
Fui ao moinho do oiteiro,
Onde o Domingos moleiro,
Porque ás vezes me deixára
Trotar do seu macho em cima,
Conquistára...
Conquistára a minha estima.

Do o deslumbrar de apparatos
A pia tenção levava:
Mas fui achal-o nos tratos
D'uma terçan que o prostrava.
Cessára o motim fostivo:
Solitario e semi vivo,
Jazia o triste no chão,
Com as faces amarellas
N'um montão...
No montão das rôtas velas...

Chamei-o: nem respondia.
Basquei: tudo lhe faltava!
Quando eu afflicto subia,
A pobre moleira entrava.
Vinha de lidar chorando,
Negro pão de dois penando!...
Em tal desarrimo e dôr
Tirando a peça primeira,
Fui lha pôr...
Fui-lha pôr á cabeceira.

Que nunca ninguem se esqueça
Da alheia tribulação!
Tinha saudades da peça,
Mas tinha orgulho na acção!
Ficára aos sonhos metade
Entre os braços da piedade.
Pago e ufano como um rei,
Bem que no caso a scismar,
Caminhei...
Caminhei para o Logar.

Um pardieiro, entre rosas,
Havia do povo á entrada,
Junto ás ruinas musgosas
D'uma ermida derrocada.
Vivia n'esta casinha
A tia Anna,—uma velhinha
Que sabia muita historia,
E m'as contava ao serão,
Co'a memoria...
Co'a memoria da affliição.

Em versos, um tanto baldos,
Modulava-me ella ainda
As trovas de *D. Reinaldos*,
E o romance da *Florinda*.
Fugia a noite apressada
Ao sabor d'essa toada.
Em tão suspenso escutar
Que o meu sentido primeiro
Foi chegar...
Foi chegar a cavalleiro.

Uma vaquinha leiteira,
Alvas malhas, pêllo nedio,
Era a sua companheira,
E tambem o seu remedio.
Conhecia-lhe a canção,
E vinha comer lhe á mão,
Quando não pascia á porta.
Chego, e a falla me abandona!...
Vejo a morta...
Vejo a morta aos pés da dona!

Déra lhe o mal de repente;
Para morrer alli fôra!
Meigo o olhar intelligente
Inda carinhos implora!...
A pobre velha—coitada!—
Sem voz, trémula e parada,
Olhava, olhava tambem
Como quem na dôr que encerra,
Mais não tem...
Mais não tem quem vêr na terra.

Nada disse. Que diria?
Ha desgraças tão completas
Que da propria sympathia
São as vozes indiscretas.
A velha não se moveu...
E chorava!... E chorei eu!...
Que havia determinar,
Em miseria tão expressa,
Senão dar...
Senão dar a outra peça?

Puz lh'a, mudo no regaço;
E volvi a passos lentos,
Apagando, n'um só traço,
Desejos com sentimentos!
Senti o fausto perdido:
Mas não foi de arrependido!...
Dissipada já deixava
A phantastica opulencia;
Mas levava...
Mas levava a consciencia!

MENDES LEAL.

(Dos *Canticos*).

Fragmento d'um livro inedito

O fallar é uma arte e para se ser artista, na verdadeira significação da palavra, é necessario ter-se talento. O orador é poeta e é musico, porque engrinalda o sentimento do bello, deleitando-nos pela forma e convencendo-nos pela arte.

Os cantos guerreiros de Homero, com as suas declamações, não são mais que uma perfeição soberba da arte da palavra. Atravez da Grecia, d'esse povo que legou á posteridade a maior arte e a maior eloquencia, vemos Pericles, fulminando com o seu talento os desmandos da epocha e dando o seu nome ao seculo mais brilhante da sua patria. Pericles deu o braço a Demosthenes. Este nome é um symbolo. A fórma simples e concisa do seu estylo, a força da sua argumentação flamejante, e clarezo e a magia dos seus pensamentos, marcaram um monumento solemne que se ergue em toda a antiguidade como um espelho curvo que incide os seus raios em um certo ponto a que chamamos foco. Filippe de Macedonia tremia mais ante a palavra austera e vibrante de Demosthenes do que perante as armas da Grecia. E' que a arma moral é a arma mair potente do genero humano. Ao pé de Demosthenes levanta-se Eschines como um rival poderosissimo na arte da palavra. Se não venceu Demosthenes, o que lhe trouxe o exilio de Rhodes, occupou um logar brilhante na eloquencia grega pelo enthusiasmo do seu estylo e pela profundidade dos seus pensamentos. Que bellos tempos os da eloquencia atheniense, d'essa esplendida cidade da Attica que foi o foco brilhante das artes e das luzes na antiguidade! Parece uma lenda oriental. Olhemos para a Italia. Athenas tem uma irmã. Essa irmã é Roma, o eterno ideal dos artistas, onda cada pedra synthetisa uma historia e onde o foro romano nos faz lembrar a palavra impetuosa de Cicero que foi o successor de Cornelio e Catão, de Cicero que foi uma aurora de liberdade, que foi o alicerce mais poderoso da eloquencia romana, que foi, por assim dizer o diccionario da lingua latina, como algures disse um critico. A arte, quando é arte, é a glorificação dos povos, é o triumpho do sentimento humano.

ACCACIO ROZA.

JOSÉ ESTEVÃO

José Estevão como todos os homens de talento, alem das suas eminentes qualidades d'orador, tinha extravangancias que ainda mais sympathico o faziam e ainda hoje envolvem o seu nome e o seu vulto, n'uma aureola de affectos e carinhos.

D'esta feição do seu caracter contam-se innumeros traços, a qual mais vivo e scintillante.—Não quero agora reedital-os, pois já correm impressos, contados pelos seus contemporaneos e admiradores. Mas quando atravesso os Arcos, esse centro famoso da boa e da má lingua, lembra-me, sempre, que José Estevão vinha para alli prégar as tardes, e muitas vezes o fazia sem ceremonia, de fato de banho e chinellos, a mão mettida entre as calças e a camisa. Apezar d'esta negligencia de vestuario, nem por isso o seu espirito era menos vivo, nem o seu coração menos compassivo. Esse desprezo pelas praxes, tambem não significava uma pretenção; era, apenas, um acto natural e corrente, originado nas disposições em que amanhecia, sem proposito de se fazer notado, ou de se tornar saliente.

Um d'estes dias, indo de passeio á Costa Nova, e passando defronte do Palheiro do grande tribuno, occorreu-me um caso que alli se dera. José Estevão achava-se alli a banhos, ou a ares, pouco importa; a retemperar-se n'aquella atmosphera purissima, tendo d'um lado o Oceano bramindo coleras e energias, e do outro desfisando placidas, a seus pés, as aguas da ria aonde vinham espelhar-se, á tardinha, as ultimas vergenteas dos pinheiraes da Gafanha.

Achando-se, pois, «n'aquelle engano d'alma, ledo e cego, que a fortuna não deixa durar muito», foi surprehendido pela inopinada visita d'uns amigos d'Aveiro dos mais intimos, dos mais dedicados. Era pouco antes da hora de jantar.

Quando lhe deram a noticia José Estevão mostrou-se muito contrariado, ou fosse a fingir, ou fosse pela real difficuldade de obsequiar os hospedes n'uma hora critica e n'um logar isolado de todo, no meio d'um areal deserto. O que havia de fazer? De que se havia de lembrar? Cumprimentou de fugida a cada um, quasi sem proferir palavra, e sahindo fóra, deitou-se na areia e começou a gritar aqui d'el-rei contra aquelles malvados que assim o vinham pôr em apertos. Gritou, e só depois de extenuado é que se ergueu e entrou em explicações urbanas, no meio da gargalhada dos hospedes que não podiam esperar um tal desenlace.

E' claro que tudo se compoz ás boas. A escassez de mantimentos não era tão stricta que redundasse em miseria. Os hospedes não se queixaram, mas applaudiram o caso que lhes deparou uma franca barrigada de riso, quando mais não fosse.

THOMÉ DA PONTE.

Retratos á penna

Do nosso presado collega de redacção, snr. dr. Alvaro de Almeida d'Eça, recebemos uma curiosa carta a que não podemos deixar de dar publicidade. Junctamente mandou nos dois preciosos retratos devidos á penna scintillante de Bulhão Pato e de Rebello da Silva, duas formosissimas organisações de poeta que todo o paiz respeita, pela inquebrantabilidade do seu caracter e pela linguagem puramente portugueza com que sabem revestir os seus pensamentos.

D'essas photographias, extractamos os periodos que seguem á carta, com a convicção de que prestamos com isso uma digna homenagem ao glorioso tribuno José Estevão Coelho de Magalhães.

Meu caro amigo

Estava com firme resolução de collaborar no numero que a *Vitalidade* consagra, no proximo dia 12, ao idólo de nós todos — a José Estevam que Aveiro orgulhosamente venera por patriotica gratidão e dever de honra e que eu admiro com fervoroso enthusiasmo e respeito com entranhado affecto, porquê nos seus extraordinarios discursos, lidos e relidos sempre com intima e irresistivel commoção, muitas vezes desabafada em lagrimas, encontro constantemente estereotypada a sua privilegiada intelligencia, o seu purissimo espirito, o seu nobilissimo caracter, a sua singular e portentosa personalidade em summa.

Para augmentar-me a suggestão, consultei os seus biographos, reli alguns dos seus arrebatadores discursos, estudei attentamente as phases da sua atribulada, mas gloriosa vida; notei a sua bravura e audacia no campo de batalha, admirei a sua eloquencia fulminea e empolgante na tribuna parlamentar e forense, sensibilisei-me com a perennidade do seu altruismo, com os rasgos da sua bella alma;... mas estraguei tudo, perdi a resolução formada, porque reconheci, com verdadeiro desgosto, a minha insufficiencia verbal para traduzir convenientemente a minha admiração sempre crescente.

Não arranjo coragem para collaborar n'este numero litterario, mas tem tudo a ganhar, porque lhe indico dois collaboradores distinctissimos, dois primorosos estylistas que conheceram e admiraram em vida o incomparavel tribuno e que o retrataram com toda a pujança do seu peregrino talento.

Ahi lhe envio os retratos feitos por Bulhão Pato e Rebello da Silva; publique-os que são de mestres e sempre novos e desculpe, que é dever de caridade e obrigação velha, o

seu amigo, etc.

Barra, 9 de agosto de 1896.

Alvaro d'Almeida d'Eça.

Foi nas luctas grandiosas da «constituite» que José Estevão soltou pela primeira vez a voz na camara dos deputados.

Os pródromos d'aquella extraordinaria eloquencia eram apenas conhecidos dos seus companheiros de armas no desterro; depois da batalha, nas conversações scintillantes do bivaque, entre os condiscipulos, nas palestras academicas e nas raras lições proferidas no curso de direito.

O imprevisto espanta sempre. Foi o espanto o primeiro sentimento da camara em presença do figura, do gesto, da voz, da inspiração e da palavra do moço tribuno!

Os maiores jurisconsultos, estadistas, oradores, homens de leitras de Portugal estavam em S. Bento. José Estevão, aos vinte e sete annos, caia de improviso no meio de tão grandes homens—para dominal os e vencel os muitas vezes, — para arrebatal-os sempre!

Incapaz, pela mobilidade e ardor da imaginação, pela mocidade agitadissima, de poder reunir avultada somma de estudos aturados e profundos, José Estevão tinha como que o dom sobrenatural, o *quid* divino da adivinhação.

Ha poucos mezes o primeiro jornalista de Portugal, Rodrigues Sampaio, que passára largos annos na imprensa, nas commissões, nas sociedades secretas, e na tribuna com José Estevão, dizia me:

—«Era, realmente, homem extraordinario! Reuniamo-nos ás vezes para resolver negocio grave e intrincadissimo. De todos nós o unico que não sabia uma palavra da questão era José Estevão. Começava disparatando. Passando um quarto de hora, estava senhor do assumpto, e a primeira luz e o primeiro conselho eram d'elle.»

A voz, que tomára de assalto a admiração da constituinte, escoou immediatamente por todos os angulos da capital e do paiz. Apesar das gravissimas complicações politicas d'essa época, da violencia dos partidos e da exaltação nervosa das paixões, o nome que andava em todas as boccas, mordido na sombra pelos invejosos, abençoado pelas almas nobres, era o nome de José Estevão.

Esse nome, com as palavras «camara», «sessões», «deputados», etc., chegou aos meus ouvidos e picou a minha curiosidade infantil.

Instei com meu pae para que me levasse ás côrtes. Tinha já visto o theatro, e queria vêr aquelle outro theatro mais real e não menos cortado de paixões nobres e miseraveis, de lances, de situações, de scenas, de peripecias e principalmente de enredos.

Cedeu ás minhas instancias a lenidade paterna.

Fui um dia a S. Bento.

José Estevão tinha a palavra.

Aquella figura elegante, gentilissima, arrebatadora, ficou me gravada no espirito, tão fundamente, que me parece estal a vendo agora diante de mim.

O cabello fino, basto, annelado, castanho escuro, povoava-lhe a cabeça de vinte e sete annos, bella e correcta como uma obra de arte nos dias aureos da Grecia, ou nos prodigiosos dias de Renascença. A barba longa, não demasiado espessa, de uma tinta mais clara que a dos cabellos, apartava se na ponta do queixo, similhante á barba de Christo nos quadros de Van Dyck.

O rosto pallido; nos transportes da palavra, ora enfiava, como se o sangue parasse na circulação, ora se lhe tingia de purpura. O nariz, levemente aquilino, completava a graça e correcção do perfil.

As azas do nariz vincavam-se e pareciam palpitar quando a paixão o inflammava. Medindo o adversario, antes de lhe disparar a apostrophe fulminante, a cabeça erguia-se e conservava-se na immobilidade ameaçadora do nebri pairando subitamente nos ares antes de saltar sobre a presa.

Os olhos pequenos, vivissimos, faiscavam como dois relampagos. A bocca era cortada com franqueza para accudir rapida á transmissão do verbo fluentissimo. A estatura elevada; o peito bombeado e amplo; o pescoço forte, resaindo dos hombros largos, e proprio para auxiliar os movimentos leoninos da cabeça energica.

Proporcionadissimas todas as partes de sua estatura. As mãos finas, o gesto de inspirado; a voz com inflexões meigas, terriveis, patheticas, suavissimas, apaixonadas, arrebatadoras! José Estevão n'aquella idade, com o baptismo do exilio e o baptismo do campo da batalha, acceso no amor da liberdade e ferido com o amor da mulher, illuminado pelo genio, encarando um horisonte sem termo, advogando a causa da humanidade com a bocca livre e os pulsos desapertados das algemas da tyrannia, cobertos de palmas, nadando em gloria, como um dia de abril nada em sol, era a realisação na terra da maxima felicidade a que póde aspirar o homem.

Eu não sabia o que eram «camaras», nem «deputados», nem o que significavam as palavras «discursos» e «eloquencia»,—não comprehendia o que José Estevão dizia, mas não podia tirar os olhos d'aquelle homem singular, e na minha alma infantil ficou gravada por muito tempo a sua imagem como uma cousa extraordinaria!

Tal é o poder do genio.

BULHÃO PATO.

Em José Estevão, á medida que a tela se ia desenrolando, as figuras a principio confusas avultavam, caracterisando-se. O semblante abria a expressão, e illuminava se da viva chamma do fogo interior. A cabeça erecta e dourada pelos raios da commoção interior, tomava posições poeticas em harmonia com a grandesa do assumpto. O gesto, largo e magestoso no exordio, precedia, ou acompanhava a phrase. Eram os signaes precursores dos grandes movimentos. Depois a torrente despenhava-se, e o trovão, que estalava, era o espirito, que de esphera em esphera se arremessava ás nuvens, perdendo a terra de vista; era finalmente, o que os latinos chamavam *magna voz*, e o que Mirabeau traduziu na presença dos comicios sobresaltados; era o orador antigo resuscitado pelo delirio sublime, não com os affectos mortos dos livros, mas com os affectos vivos e abrasadores, que só brotam ao sol da liberdade.

Notava-se-lhe logo certa familiaridade com alguns dos nossos classicos, e sobre tudo intima convivencia com os livros do padre Vieira. A cada momento appareciam trechos, que lembravam as ousadias e as elegancias, que em tantos periodos estimados cunham o estylo admiravel d'aquelle engenho ainda mais apto para a eloquencia politica, do que para a persuasão religiosa, engenho comprimido pelo habito e pela epocha, cujas explosões repentinas, transformando o pulpito em tribuna, tantas vezes converteram o panegyrico em satyra, para cravar os validos na cruz do mau ladrão, ou para na mais pungente da ironias, flagellar uma legião inteira de perseguidores, pedindo aos pouxes o thema e o disfarce.

Em José Estevão o que mais imperava n'essas occasiões era o sentimento. Nas refregas ordinarias pelejava como partidario debaixo da sua bandeira e defendia a com esforço; mas apenas rebentava instantaneo qualquer conflicto, estremecia, ou vacillava alguma das liberdades essenciaes, ou se o paiz recebia na face algum ultrage, era para vêr então como os impulsos generosos o concitavam, como a indignação o transfigurava, como aquella physionomia meia adormecida pelo cansaço da lucta quotidiana despertava, revivia, e se espiritualisava. Era outro homem, era outra voz.

N'estes lances tornava a vestir todas as peças da sua armadura de tribuno. A imaginação rejuvenescia como nos dias de esperança, em que cingira as primeiras corôas. Tudo se remoçava n'elle, o espirito, os poderos intellectuaos. Firme e recolhido, rompia todos os vinculos, que lhe podessem prender as forças, e entrava na arena, somo o athleta antigo, senhor de toda a liberdade dos movimentos, e com todos os brios de sua vigorosa organisação.

Erguendo á viseira, encarava os obstaculos, e atirava a luva direita ao rosto do inimigo. Não lhe propozessem temporisações, que as regeitaria como treguas indignas da causa. Não lhe sugerissem evasivas, ou manobras astuciosas, porque fugiria d'ellas como de ciladas infamantes.

Se o desamparavam sahia só, luctava só contra todos, e amortalhado no glorioso estandarte dos principios, sem recuar um passo, dizia á fortuna, que o futuro pertencia a Deus, e que a derrota de hoje ámanhã seria victoria.

Mais de uma vez o vimos assim, cavalleiro unico desafiar todos os encontros, medir-se com os mais denodados adversarios, e sahir vencido pelo numero, mas triumphante pela palavra.

REBELLO DA SILVA.

GEOGRAPHIA DA LIBERDADE

Não sei, não entendo d'esta geographia de liberdade, d'esta geographia de idéas que não está escripta nos mappas, nem riscada com a espada nem com a penna do legislador. Parecia me que esta geographia se regulava e marcava pelo firmamento da liberdade, e que esta se não devia medir com um compasso, para em seguida dizer se a sua latitude ficava ao norte ou ao sul da linha.

JOSÉ ESTEVÃO.

(Discurso sobre a liberdade de ensino em 1862).

A NOSSA GRAVURA

Este dia é de jubileu para os sentimentos liberaes do paiz e principalmente da cidade d'Aveiro.

Por isso, a publicação de uma gravura que represente a estatua do immortal tribuno e ao mesmo tempo o edificio do lyceu nacional que se deve á sua rasgada iniciativa, não poderia ser mais opportuna.

Ahi estão parte de uma obra que só por si engrandeceria o iniciador—o lyceu — e a obra d'um povo grato que não soube esquecer o maior paladino dos nossos interesses—a estatua.

Publicando-a, cremos satizfazer assim um dever que synthetisa bem o nosso modo de pensar.

PROFUNDAMENTE VERDADEIRO

Disseram-se injurias, jogaram-se apedreijos, e eu não ouvi as injurias, e as pedras nem os vestidos me tocaram.

O tempo é do paiz, está adjudicado ao cumprimento das nossas obrigações, mas é nosso o sangue, que nos corre nas veias, e a sua primeira hypotheca é feita á nosso honra.

JOSÉ ESTEVÃO.

(Do discurso sobre a questão ingleza, em 1840).

JOSÉ ESTEVÃO

IN MEMORIAM

12 — Agosto — 1889

Vae fechar-se mais um anno sobre uma data gloriosa para Aveiro e para todos os seus filhos. E' a data memoranda da inauguração da estatua, erguida na Praça Municipal ao insigne patriota e illustre orador José Estevão Coelho de Magalhães.

Este jornal que põe acima de quaesquer interesses mesquinhos, a ideia sympathica da patria e da liberdade, que vae pugnando, na medida das suas forças, pela justiça e pelo decôro dos homens; que fita a direito o sol da verdade, como o centro d'onde irradia a vida em todas as suas manifestações; a *Vitalidade* que tomou por divisa um dos mais bellos traços doutrinarios do insigne tribuno, não póde, por sua parte, deixar que passe despercebido este dia assignalado.

Perfilha as emoções dos aveirenses, tão vivas, tão sinceras, tão enthusiastas, — tão justas, — quando conceberam o projecto, grandioso para os seus parcos recursos, de dar testemunho publico e perduravel da gratidão que devem ao mais illustre dos seus conterrancos.

Associa-se, ainda agora, a todos os trabalhos, a todas as energias, a todos os esforços com que se levou á realisação esse digno monumento que na Praça Municipal fallará aos vindouros, pelos annos a dentro, d'um nome querido, d'um coração magnanimo, d'um soldado valente, d'um luctador intemerato, e que recolhido á intimidade da familia e dos amigos, nos intervallos d'essas epopeias famosas, deixava transluzir, ás claras, os primores da sua grande alma bem fadada, feita para comprehender e para a acompanhar as grandes emprezas, mas não menos adaptada a sentir e a amar as bellezas da sua pequena terra e os effluvios da estima popular.

E se este jornal não existia ainda á hora da inauguração do monumento, nem por isso os que n'elle hoje collaboram deixaram de entrar na festa; e conservam bem de memoria todo o esplendor, e toda a alta significação d'ella!

Poucas vezes um pequeno povo dará mais nobre exemplo do seu enthusiasmo, da sua intelligencia, do seu amor á justiça: ter por concidadão um espirito superior, uma organisação privilegiada de talento, de magnanimidade, de sympathia; ser docemente bafejado por esse sol esplendido; sentir-lhe o vigor do braço e o calor do coração; perdel-o depois de lhe dever já muito... engrinaldar a sua memoria de perpetuas e saudades, não a esquecer, não a olvidar jámais, repetir as suas maximas, professar os seus principios, evocar nas horas tristes a sua memoria abençoada, contar pelos annos, pelos dias, pelos momentos, os tropheus das suas glorias e firmar o proposito de assignalar no marmore e no bronze um preito condigno, realisar essa aspiração, esse proposito atravez de todas as contingencias e de todas as difficuldades, erguendo-se, todos, então, como um só homem para saudar o vulto generoso e sympathico do egregio cidadão; — tudo isto o povo d'Aveiro conseguiu fazer, e por forma que a inauguração da estatua ao eminente tribuno teve todo o brilho, todo o esplendor d'uma verdadeira festa nacional.

Um acontecimento d'esta ordem não esquece jámais; vive e perpetua se. Se é a verdadeira apotheose do glorificado, constitue uma verdadeira honra para os que tomaram a peito o emprehendimento e poderam, alfim, vel-o realisado. E' uma gloria para os coevos, é uma licção para os vindouros. E' uma lição de alto valor e d'alta estima.

A *Vitalidade* assim o intende e assim o significa em palavras singelas, mal alinhadas, mas vindas do coração; assim o testemunha n'este dia memorando, anniversario d'esse outro em que vin dentro dos seus muros uma festa singular, associadas a ella todas as classes, e muitas das notabilidades do paiz.

Inscrevendo nas suas columnas esta data gloriosa satisfaz um desejo e cumpre um dever.

IN MEMORIAM

12 — Agosto — 1889

Tipographia da VITALIDADE — Aveiro